ESCUTA, SILENCIAMENTO E FORMAÇÃO DOCENTE: A PESQUISA COMO EXERCÍCIO DE PROBLEMATIZAÇÃO DA PRÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Anatalia Oliveira de Souza[1]; Marilete Calegari Cardoso[2]

[1] Mestranda em educação pelo Programa de Pós- Graduação em Educação- PPGEd na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB, e bolsista CAPES. Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. E-mail: oliveiraanatalia356@gmail.com

[2] Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia/UFBA. Docente do departamento de Ciências Humanas e Letras -DCHL/UESB Jequié, Bahia, Brasil. E-mail: marilete.cardoso@uesb.edu.br

Introdução

A pesquisa na graduação, especialmente no campo da Pedagogia, constitui-se como um movimento político e formativo em um cenário nacional marcado por tensões em torno da ciência, da universidade pública e da formação docente. Nesse contexto de disputas sobre o papel social da educação, reafirmar o direito de graduandas e graduandos à produção de conhecimento significa reconhecer a pesquisa como prática estruturante da formação da professora pesquisadora.

É neste viés que se insere a presente discussão, que emerge de investigações iniciadas ainda no percurso formativo em Pedagogia e aprofundadas no âmbito da pós-graduação, tendo como foco da pesquisa as práticas de silenciamento e de escuta na Educação Infantil.

Ao problematizar o lugar da escuta na prática docente, a pesquisa desloca o olhar sobre o cotidiano escolar, compreendendo-o como espaço de produção de sentidos, atravessado por relações de poder, disputas discursivas e processos de subjetivação, e não somente uma subjetivação na perspectiva da formação infantil, mas também do próprio professor, mediador e guia no processo educacional.

Nesse contexto, a problemática da pesquisa baseia-se no fato de que, na Educação Infantil, determinadas práticas pedagógicas, como a regulação excessiva da fala, ao solicitar o silêncio contínuo das crianças, a centralidade da voz adulta ao centro da rotina a das aulas e o uso de estratégias de controle, dos corpos, gestos e até do brincar, disfarçadas de organização, tendem a ser naturalizadas.

Entretanto, quando analisadas à luz da Análise do Discurso de orientação francesa, conforme propõe Eni Orlandi (2015), e do dialogismo bakhtiniano discutido por Beth Brait (2012), revelam-se como efeitos discursivos que regulam a circulação, de vozes e expressões, e delimitam os sentidos possíveis no espaço escolar.

Ao assumir a pesquisa como exercício de problematização da própria prática, a formação docente passa então a ser compreendida como processo investigativo contínuo. Nessa perspectiva, a professora em formação pode refletir criticamente, sobre não apenas aplicar metodologias ou reproduzir orientações institucionais, mas interrogar, perceber e acima de tudo acolher os gestos, as escolhas e os discursos que estruturam o cotidiano pedagógico. A escuta, nesse movimento, deixa de ser procedimento técnico e passa a constituir-se como princípio ético e formativo.

Assim, o objetivo deste trabalho foi discutir como a pesquisa, nascida de questões e experiências durante o curso de pedagogia, pode contribuir para a formação de professoras e

pesquisadoras críticas, a partir da problematização das práticas de silenciamento na Educação Infantil.

Buscou-se evidenciar que investigar o cotidiano escolar, sob uma perspectiva discursiva, produz deslocamentos epistemológicos e formativos, fortalecendo uma formação e uma docência, desde o seu princípio, comprometida com a sensibilidade de perceber e ouvir o outro, em suas mais diversas formas de comunicação.

Metodologia

A pesquisa fundamenta-se em abordagem qualitativa, de caráter teórico-analítico, orientada pela Análise do Discurso de vertente francesa (Orlandi, 2015), e pelo dialogismo bakhtiniano (Brait, 2012). Tal perspectiva possibilita compreender a formação e a prática docente como espaço de produção de sentidos atravessado por condições históricas, ideológicas e institucionais, deslocando o foco de uma análise meramente comportamental para uma leitura crítica das relações discursivas que se instauram no espaço escolar.

O percurso investigativo teve origem no processo formativo vivenciado na graduação em Pedagogia, quando as inquietações acerca do lugar da escuta na Educação Infantil passaram a ser sistematizadas como problema de pesquisa. A partir desse movimento, a prática docente deixou de ser observada apenas como campo de atuação profissional e passou a ser compreendida como fruto da formação inicial e objeto de investigação, inaugurando um exercício de autorreflexão crítica que se estende à pós-graduação.

Metodologicamente, o estudo articula revisão bibliográfica e análise teórica de práticas naturalizadas no cotidiano da Educação Infantil, tomando como eixo interpretativo as noções de discurso, poder, escuta e silenciamento. O diálogo com autores como Paulo Freire (2019) e Pierre Bourdieu (1989) contribui para tensionar a dimensão política da pedagogia/docência, especialmente no que se refere à reprodução de hierarquias simbólicas e à centralização da autoridade adulta no espaço educativo.

Além da revisão teórica, o trabalho incorpora reflexões derivadas de experiências formativas e observações em contextos de Educação Infantil, compreendendo tais vivências não como relatos empíricos isolados, mas como material discursivo atravessado por regularidades institucionais. Esse movimento metodológico busca evidenciar como a pesquisa, ao emergir da própria experiência prática, constitui-se como um dispositivo formativo, permitindo à futura professora deslocar-se da posição de executora de rotinas para a condição de sujeito que interroga e problematiza sua atuação.

Investigar o silenciamento na Educação Infantil implica, simultaneamente, investigar a própria formação e a do outro, e os modos de ensinar, escutar e organizar o cotidiano pedagógico, assumindo a pesquisa como exercício permanente de produção de conhecimento e de transformação da prática.

Por tratar-se de um recorte de uma pesquisa de pós-graduação, destaca-se que nesta fase, os resultados apresentados referem-se exclusivamente às reflexões teóricas e às observações formadoras da problemática investigada. Respeitando todas as questões éticas para realização de pesquisas com seres humanos, não contendo identificações e/ou informações não autorizadas, pois ainda não foi dado início a fase da pesquisa em campo.

Discussão

A análise desenvolvida discute que as práticas de silenciamento e escuta na Educação Infantil não se configuram apenas como estratégias organizacionais, mas como efeitos discursivos atravessados por ideologias e relações de poder. Conforme propõe Orlandi (2015), o discurso não é uma simples transmissão de informação, mas espaço de constituição de sentidos e também de sujeitos.

Nesse horizonte, regular a fala, interromper enunciados ou definir quem pode se expressar, ou de que maneira essa expressão deve ocorrer, não são ações neutras, mas gestos que produzem efeitos simbólicos e delimitam o campo das manifestações no ambiente escolar.

A partir do dialogismo bakhtiniano, que define que nenhum discurso é isolado, retomado por Brait (2012), compreende-se que todo enunciado se constrói na relação com o outro. A docência, portanto, é atravessada por uma dimensão relacional que exige abertura à alteridade, abertura ao outro.

Em nosso contexto de pesquisa, pode-se dizer que uma das interpretações possíveis é que essa abertura está relacionada ao ouvir, ao perceber, ao respeitar, e isso é algo que essencial para a formação docente, de sujeitos sensíveis para a escuta e reflexivos o suficiente para perceberem e estar alertas às ações que silenciam.

Justamente porque, quando a escuta se torna seletiva ou protocolar, esvazia-se o caráter dialógico da prática pedagógica, aproximando-a de uma lógica autoritária que centraliza a voz adulta e reduz a participação infantil a respostas esperadas ou previamente enquadradas, retirando a liberdade e a espontaneidade do ambiente.

Nesse sentido, as reflexões construídas desde a graduação permitiram deslocar o olhar sobre o cotidiano escolar, identificando como determinadas práticas, tais como o uso excessivo de comandos de silêncio, a substituição da mediação humana por dispositivos tecnológicos com função disciplinadora, a restrição do tempo de fala das crianças, restrição ao parquinho ou espaços livres, redução do tempo para brincar, cadeira do pensamento e atividades engessadas, operam como mecanismos legitimados de silenciamento.

Tais estratégias, muitas vezes justificadas como organização ou manutenção da ordem e do bom comportamento, podem ser interpretadas, à luz de Bourdieu (1989), como formas de violência simbólica, na medida em que impõem significados e hierarquias sem que essa imposição seja percebida como arbitrária, mas como algo natural.

A interlocução com Freire (2019) também auxilia nessa reflexão, pois amplia a discussão ao problematizar o modelo de educação bancária, no qual a autoridade docente se sobrepõe ao diálogo e à construção compartilhada do conhecimento. Ainda que a Educação Infantil possua especificidades próprias, podemos discutir que práticas excessivamente diretivas podem limitar a autonomia e o protagonismo das crianças, transformando a escuta em um ato formal e desprovido de efetiva abertura à pluralidade de vozes.

Ao reconhecer a pesquisa como eixo formativo na graduação, é possível produzir um movimento de autorreflexão que tensiona essas naturalizações. Portanto, investigar o silenciamento não significa apenas analisar comportamentos observáveis, mas compreender as condições discursivas que sustentam tais práticas, assim como sua origem.

Nesse viés, Rajagopalan (2003) destaca que o diálogo exige disposição para reconhecer a legitimidade da voz do outro, e no campo pedagógico, isso implica deslocar a centralidade absoluta da fala docente e reconhecer as crianças como sujeitos de diversas linguagens e produções de sentidos, e a pedagogia, em sua atuação, em constante troca e construção, uma questão que deve colocar-se em destaque no percurso formativo.

Assim, essa discussão busca construir a ideia de que a inserção da pesquisa no percurso formativo contribui para a construção de uma postura investigativa e reflexiva, que auxilia nesse processo de formação contínua. Pois, ao problematizar e refletir a própria formação e prática, a graduanda em Pedagogia passa a reconhecer-se como sujeito em processo, rompendo com a compreensão da formação docente como mera aplicação de teorias elaboradas externamente à escola.

A pesquisa, nesse contexto, configura-se como prática de resistência à homogeneização e como estratégia de fortalecimento de uma docência comprometida com a escuta, a pluralidade e a democratização das relações pedagógicas. Além disso, evidencia-se que a formação na pedagogia não deve se limitar ao domínio técnico-metodológico, mas envolver o desenvolvimento da sensibilidade ética e humana diante das dinâmicas discursivas que atravessam o cotidiano escolar.

De modo a reconhecer que a escuta, compreendida como princípio estruturante da prática, transforma-se em categoria analítica e em gesto político, capaz de reconfigurar e transformar a organização do tempo, do espaço e das interações/relações na Educação Infantil.

Dessa forma, a articulação entre pesquisa na, e para, a graduação e a problematização da prática docente revela-se fundamental para a produção de conhecimento e reflexão. Pois, produzir pesquisa nesses territórios implica afirmar a escola e a universidade pública como lócus legítimos de investigação, reafirmando o direito à pesquisa como dimensão constitutiva da formação docente e humana.

Considerações Parciais

A pesquisa na/para graduação em Pedagogia constitui-se como dimensão formativa essencial para a construção do futuro profissional. Assim, nesta pesquisa a problematização das práticas de silenciamento na Educação Infantil discute que a docência é atravessada por relações discursivas e simbólicas que regulam a circulação de vozes e da expressão no espaço escolar.

A discussão demonstra que o silenciamento opera como efeito discursivo legitimado por rotinas naturalizadas, engessadas e por concepções autoritárias de organização pedagógica e do “bom comportamento”. A partir disso, a inserção de tal reflexão no percurso formativo promove deslocamentos epistemológicos e profissionais, permitindo à graduanda reconhecer-se como sujeito crítico e reflexivo, produtor e agente de mudanças ou reproduções.

Por fim, articulamos que a escuta afirma-se como princípio ético e político da prática docente, fortalecendo a construção de relações pedagógicas mais dialógicas, inclusivas e democráticas. Assim como a formação docente, que ao integrar pesquisa, prática e possibilidades de reflexão, favorece a superação da homogeneização discursiva e contribui para a democratização da produção do conhecimento na universidade e na escola, além de uma formação mais humanizada e sensível às questões para além das exigências institucionais, que exigem uma preparação sensibilizada e atenta ao outro, a si próprio e ao que deseja-se construir.

Palavras-Chave: Formação docente; Produção científica; Processos formativos.

Referências Bibliográficas

BRAIT, Beth. Alteridade, dialogismo, heterogeneidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 46, n. 4, p. 7-18, 2012.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 68. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 14. ed. Campinas: Pontes, 2015.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma crítica da linguagem*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.